

A vovó virou bebê

Renata Paiva

Ilustrações
Ionit Zilberman

Consultoria
Dr. Norton Sayeg
Especialista em Geriatria
e Gerontologia, presidente
da Associação Brasileira
de Alzheimer



2ª impressão



© 2008 Renata Paiva

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Estagiária
Leika Regina Inoue

Projeto gráfico e diagramação
Ana Miadaira

Fotos
Renato Stockler/ Na Lata

Tratamento de imagens
Daniel Rossi

Preparação
Alessandra Miranda de Sá

Revisão
Ana Maria Barbosa
Carmen Teresa Simões da Costa

Impressão
Corprint

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Paiva, Renata
A vovó virou bebê/ Renata Paiva. – 1.ed. – São Paulo: Panda Books,
2008. 56 pp.

ISBN: 978-85-88948-79-2

1. Alzheimer, Doença de – Literatura infantojuvenil. 2. Avós e netos –
Literatura infantojuvenil. I. Título. II. Série.

08-0928

CDD: 028.5
CDU: 087.5

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

Dedicatória

Para duas Marias, Clara e Lourdes, minhas fontes inspira-
doras, e um Luiz, meu marido, pelo apoio e cumplicidade.





Olá. Meu nome é Sofia e tenho sete anos. Sou a personagem do livro que você vai ler agora. A história conta como foi que eu descobri que a minha avó Dorinha tinha uma doença que faz a pessoa se esquecer das coisas. A doença se chama Alzheimer (a gente fala “Au-zái-mer”. É um nome alemão).

Antes de a minha avó Dorinha ficar doente, eu nem sabia que o Alzheimer existia. No começo da doença dela, achava até engraçado o jeito da vovó, sempre esquecida e atrapalhada. Depois, foi ficando mais difícil, porque a vovó já não conseguia fazer nada sozinha. Precisou até de uma babá, como se fosse uma criança bem pequena.

Você sabia que tudo que aprendemos e vivemos fica guardado em uma espécie de armário com gavetas dentro da nossa cabeça? E que essas gavetinhas onde guardamos a coleção de lembranças se chama memória? Quando está tudo arrumado,

é só a gente querer que dá para achar o que se quer lembrar. Mas, se as coisas ficam bagunçadas, não se encontra nada.

A cabeça da pessoa que tem Alzheimer fica numa bagunça só. Primeiro, ela não consegue saber onde guardou as lembranças. Depois, as memórias vão fugindo das gavetas e fica complicado recuperar o que se perdeu.

É muito triste quando alguém querido está doente. Às vezes, por causa disso, ficamos com bastante raiva. Mas é muito bom ter avós e avôs. Mesmo quando estão doentes, eles não deixam de gostar da gente – e nós também não deixamos de gostar deles. A doença da vovó me fez entender que as palavras “cuidar”, “ajudar”, “respeitar” e “paciência” podem significar muito mais coisas do que eu pensava.



A vovó anda meio esquecida

Sofia mora em uma vila residencial e conhece todos os seus vizinhos. Em uma das casas vive a sua avó Dorinha, mãe da sua mãe. Sofia gosta muito de passar as tardes na casa dela, só que, ultimamente, tem achado a vovó um pouco esquisita...

— Vovó, você abotoou sua blusa errado. Olha só como ficou torta! — comentou Sofia.

— O que foi, meu amor? O que tem de errado?

— A sua blusa, vovó, está torta!

— Oh, meu Deus, olha só que coisa! A sua avó está ficando velha! Depois eu arrumo, meu bem. Você quer tomar um lanche agora?

As duas foram para a cozinha. A avó parecia não saber direito onde tinha guardado a louça. Ficava andando de um lado para o outro, sem pegar nada. Abria a geladeira, o armário de panelas, e chegou mesmo a ir até a sala procurar sabe-se lá o quê.

— Vovó, o que você está procurando?

— Não sei, minha querida! Eles mexem em tudo aqui.



Escondem as coisas em cada lugar! Quando eu preciso, não acho nada — respondeu a avó um pouco impaciente.

Sofia achou aquilo bem estranho. De quem a vovó estava falando? Afinal, a avó Dorinha morava sozinha. Ninguém, a não ser a faxineira, que vinha uma vez por semana, arrumava as coisas dela.

— Vovó, você quer ajuda?

— Não precisa não, amor. Mas o que estávamos fazendo mesmo?

Mais uma vez Sofia estranhou. Como podia a avó esquecer tão rápido o que estava fazendo? Foram para a sala e ela nem tocou mais no assunto do lanche. Sofia resolveu deixar para comer em casa depois.



Uma tarde bem confusa...

Certo sábado, a avó Dorinha foi almoçar na casa de Sofia. A vovó estava muito contente e fez questão de ajudar a mãe de Sofia a servir a comida.

— Helena, eu quero ajudar! — disse ela à filha.

— Não precisa, mãe. Mas, se faz questão, por favor, leve a travessa de salada para a mesa, e a Sofia leva os guardanapos.

Vovó levou a travessa toda satisfeita, e quando a neta chegou com os guardanapos de papel ela não teve dúvida: pegou duas folhas de guardanapo e picou por cima da salada.

— Vó, o que você fez?!

— É assim mesmo que se tempera. Há quantos anos eu preparo essa comida, hein? Fica uma delícia desse jeito. E você, Antônia, sempre gostou, não é?

“Antônia?! Salada com guardanapo de papel?! Mas o que está acontecendo?”, pensou a menina. A mãe de Sofia percebeu a bagunça e veio rapidamente até a sala:

— Está tudo certo, gente. Vou levar a travessa de volta porque esqueci de pôr os tomates. — E saiu.